

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Representação e memória em O Vendedor de Passados, de José Eduardo Agualusa e Os Cus de Judas, de António Lobo Antunes: nos limiares da experiência afro-lusófona

Romilton Batista de Oliveira (UNEB)

Resumo: *Este artigo analisa os romances O Vendedor de Passados (2004), do angolano José E. Agualusa, e Os Cus de Judas (2007), do português António L. Antunes, numa perspectiva memorialística, seguindo a linha metodológica dos estudos comparados e apoio teórico em conceitos-chaves de Durkheim, Pollak, Hall, Bakhtin, Bergson, Halbwachs, Benjamin, Carvalhal, entre outros. Propõe-se aqui investigar os processos de construção de memória e das representações identitárias no espaço literário, através desses dois textos vistos como emblemáticos das relações entre a literatura e os contextos histórico e social no qual eles estão inseridos. Os romances tratam de momentos e situações da história recente de Angola, envolvendo colonizadores e colonizados em seus dramas em torno da independência do jovem país africano. E nesse sentido, a literatura memorialística resgata a história e a memória da guerra angolana sob esses dois pontos de vistas, tornando-se, assim, duas vozes mnemônicas e representativas de um passado traumático colonizador.*

Palavras-chave: *Literatura memorialística; Representação; História; Afro-lusofonia.*

1 Introdução

Este artigo faz parte do texto de dissertação do mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e tem como objetivo comparar dois romances escritos por autores que pertencem a países diferentes, porém compartilham de um mesmo idioma: a língua portuguesa. De um lado, partindo de Angola, *O Vendedor de Passados* (VP/2004), do angolano José Eduardo Agualusa, do outro, partindo de Portugal, *Os Cus de Judas* (CJ/2007), do português António Lobo Antunes. A partir desse duplo *corpus* literário de pesquisa, pretende-se apresentar as semelhanças e

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

diferenças quanto à articulação da representação da memória, interpelada pela experiência afro-lusófona (angolana e portuguesa), vivenciada por seus autores, conduzida por seus narradores.

A preocupação com o estudo da memória não é algo novo, mas ultimamente seu valor tem assumido uma grande importância diante do novo quadro social e político em que passa o nosso mundo, interpelado pela política econômica global, pelo surgimento do homem e da cultura pós-moderna e o respectivo *descentramento/deslocamento* de seus sujeitos de suas antigas formações

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

discursivas ideológicas e culturais. E nesse contexto social, o passado tem a tendência de ser ignorado e evitado. Como poderemos identificar e representar o homem sem a presença de seu passado? O problema aí se instala e a crise se anuncia. Surge, então, a partir desta situação problemática a necessidade de darmos atenção à *memória*, pois, sem dúvida nenhuma, ela é quem salvaguarda nossa história, evitando que o homem perca-se em seu futuro. Um futuro sem passado é uma carta sem codificador, e uma carta sem remetente torna-se um papel sem valor. Assim é o homem que, sem vínculo com o passado, tornar-se um homem sem representação. E nesse sentido, a literatura possui a grande tarefa de ser um lugar de memória, um lugar de *representação*, cabendo-lhe a árdua missão de testemunhar, denunciar a realidade, a partir da experiência de seus literatos com a linguagem, através da qual o povo anseia por lê-la: a linguagem literária, aquela que consegue expressar além da realidade, construindo e reconstruindo o imaginário do leitor.

O presente artigo divide-se em dois capítulos. O primeiro apresentará um diálogo entre a história e a memória no campo literário, conduzindo um discurso no rastro do *comparativismo* de vertente interdisciplinar, apresentando argumentos em torno da fronteira dos textos literários e históricos e sua articulação com a memória, percebendo também a importância dos estudos *bakhtinianos* com a linguagem, na dimensão de duas vozes narrativas, interpelado por uma guerra. O segundo capítulo versará sobre a representação e memória como categorias teóricas centralizadoras da pesquisa, situando a experiência vivenciada pelos romancistas, na traumática guerra angolana.

2 Análise literária nos limiares do discurso interdisciplinar comparativo: o discurso da representação da memória na voz de duas vozes afro-lusófonas

Analisar comparativamente as duas obras literárias *O Vendedor de Passados (VP)* e *Os Cus de Judas (CJ)* nos fez refletir sobre a importância do discurso histórico para o texto literário, ou seja, a presença desta mútua interação entre literatura e história reforça o processo do qual nossa pesquisa está envolvida: a *interdisciplinaridade*, principal exigência do mestrado do qual este

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

trabalho está inserido. E nesse sentido, podemos afirmar que não existem textos puros, pois todo texto é uma construção *híbrida* por natureza, graças ao processo de *intertextualidade*. Desde Bakhtin (1994) e de sua contribuição com a *dialogia* e a *polifonia*, os estudos linguísticos, literários, históricos e filosóficos passaram a entender que o texto não se constrói por ele mesmo, mas a partir de outros, num processo ininterrupto de intertextualizações. O texto e o contexto se abraçam a

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

partir da história que a alimenta, ou seja, da guerrilha angolana. E nesse sentido, devemos a Mikhail Bakhtin o ganho teórico do *dialogismo* e, conseqüentemente, da *polifonia* que nossa pesquisa se serve para entender melhor a relação do texto literário com o texto histórico, na reconstrução da memória. O dialogismo “tem conseqüências imediatas na maneira de conceber o discurso, como uma ‘construção híbrida’, (in) acabada por vozes em concorrência e sentidos em conflito” (BRAIT, 2005). O discurso, desta maneira, é interpelado pela presença do outro. Essa alteridade está presente, sem dúvida, em nosso trabalho literário comparativo, principalmente em relação ao romance *VP*, no qual o personagem central do romance, Félix Ventura, o “vendedor de passados”, elabora para os seus clientes identidades baseadas na construção mnemônica de um passado imaginário, espelhando-se nas vivências, costumes e hábitos culturais presentes na vida do outro. Seu principal cliente, José Buchmann, constitui exemplo importante, pois sua vida foi radicalmente modificada para atender aos interesses desse “outro” – o angolano. Nesse sentido, percebemos que a alteridade faz parte da materialidade discursiva empreendida pelo narrador do romance, e da qual, sem ela, a memória não poderia ser reconstruída.

Através da interação do outro nesse processo, o passado é reinventado, sofrendo interferência do imaginário social que ronda a formação do discurso dessa nova memória. Mas o passado se mostra sempre como uma construção conflituosa. Segundo Beatriz Sarlo “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p. 09). É pela lembrança que o passado vem à tona, reconstruído sempre a partir do tempo presente. “Lembra-se, narra-se ou remete ao passado por um tipo de relato, de personagens, de relação entre suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes” (SARLO, 2007, p. 12). No romance em análise, confirmando a citação de Beatriz Sarlo, o passado é uma construção conflituosa, pois todos os personagens da narrativa ficcional são apresentados pelo narrador Eulálio (a Osga, uma espécie de lagartixa) com problemas de *representação*, necessitando de um discurso que venha respaldar e legitimar suas vidas em sociedade. Na verdade, os clientes que procuram por Félix Ventura desejam esquecer-se de seu traumático passado e viver outro (criada imaginária, sólida e consistentemente para atender às exigências da classe dominante), podendo, desta forma, participar do jogo exigido por esta

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

emergente sociedade.

Também no romance *CJ* o passado é uma construção conflituosa, capaz de, a partir dele, o médico, personagem e narrador da história, enfrentar uma crise de representação, levando-o a uma desconstrução de seus antigos valores. O autor apresenta um narrador que, ao testemunhar a guerra em Angola no período de três anos (1971-1973), confessa sua experiência traumática, descrevendo

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

os horrores presenciado e vivenciado por ele, expondo seu discurso a partir de uma memória individual, repleta de fragmentos oriundo do *choque* (ou trauma) diante desta terrível realidade. O contexto histórico do qual o romance está envolvido alicerça e ancora sua nova representação, uma representação que rompe com sua antiga formação ideológica. Nesse sentido, podemos afirmar que o contexto histórico é quem materializa o texto literário, é quem substancializa e vivifica a construção da memória do qual o autor se serve para situar a construção de seus personagens, tanto em *CJ* quanto em *VP*.

Adentrando a discussão em torno da fronteira entre a história e a literatura, convém mencionar que, nos dias atuais, esta questão tem sido revisada pela teoria literária, reconhecendo que tanto a literatura quanto a História compartilham de um mesmo objeto de pesquisa: a narração de um acontecimento, diferenciando-os a partir de seus objetivos. Vale ressaltar que a história não possui normas de exigência metodológica quanto ao conteúdo a ser investigado, reconhecendo que a literatura exerce uma importante função na construção do conhecimento. Neste contexto de discussão entre o literário e o histórico, o romance histórico (memorialístico, como nossa pesquisa prefere chamar) cada vez mais oferece dificuldade em sua construção, mas sua importância para os estudos literários, culturais e históricos é indiscutível, pois independente de ser uma obra literária, tem suas implicações em várias outras áreas do conhecimento. “Revitalização literária do drama histórico”, uma vez que não há mais história-memória nem história-ficção. Podemos estar vivendo, conforme Nora (1993), ‘a memória, promovida ao centro da história’, mas de maneira nenhuma estamos vivendo o luto manifesto da literatura, pelo contrário, estamos vivendo um momento em que a literatura traz um novo capítulo de sua manifestação: a representação das vozes subterrâneas e traumáticas. Estamos convivendo com a época de um romance que não se separa de seu contexto histórico social, engajado na narratividade com a qual se manifesta. E nesse sentido, os romances *VP* e *CJ* situam-se nesta perspectiva, sendo romances memorialísticos que testemunham a realidade do período de guerra e pós-guerra angolano, representando a memória de um contexto histórico interpelado pela experiência vivenciada por seus respectivos escritores, a partir de seus pontos de partida (Angola e Portugal), produzindo duas vozes literárias, ideologicamente construídas por suas memórias individuais e coletivas. Vale mencionar que o narrador-personagem do romance *CJ* passa

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

a ter um triplo olhar ao ser deslocado de Portugal para a guerra em Angola. Primeiro em relação a seu próprio país, segundo em relação à África, e por último, em relação a si mesmo. Foi estando longe, deslocado e descentrado de seu país que ele passa a desconstruir suas ideias acerca da vida. Seu pensamento sofre um choque. A experiência com a guerra o torna um homem desumano e inseguro, como bem demonstram suas próprias palavras “Sempre que se examina exageradamente as pessoas elas começam a adquirir, insensivelmente, não um aspecto familiar mas um perfil

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

póstumo, que a nossa fantasia do desaparecimento dela dignifica” (ANTUNES, 2007, p. 24). Daí percebe-se que a memória traumática exerce um papel reconstrutor e desconstrutor da cultura deste sujeito que se sente deslocado e desassistido de seu antigo olhar, olhar que se desaloja diante das imagens que passam a fazer parte de seu discurso pós-guerra.

Consideramos que a representação literária, em geral, não só interpreta a realidade extraliterária, como também exerce influência na sua construção. A representação é segundo Roger Chartier (1990) o instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem, capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo como ele é. E nesse sentido, os romances em evidência se inserem nesta concepção de representação, pois conseguem trazer à tona o ausente, substituindo-lhe pelo rastro ou resíduos do acontecimento passado, ou seja, as imagens são reconstituídas em memórias, configurando o sujeito em sua identificação. Os romances descrevem personagens fictícios que, ao serem comparados com os personagens da vida real angolana, oferece ao leitor um conflito nas fronteiras do real com o fictício, do literário com o histórico, conferindo à literatura o status representativo da cultura de um povo.

É no historiador Pierre Nora que podemos encontrar importantes contribuições capazes de entendermos melhor a relação conflituosa entre a história e a memória e o papel da literatura nesse confronto. Ele descreve de forma sucinta o campo fronteiro entre a história e a memória, fazendo uma comparação cuidadosa, compartilhando com as ideias de Halbwachs:

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. [...] A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1993, p. 09).

O autor dá um importante passo nos estudos fronteiros entre a História e Memória, intertextualizando com Halbwachs, ratificando novamente a relação da memória com o sentimento de pertencimento grupal. Podemos tirar desse argumento a ideia de que a memória se enraíza no

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

concreto, na imagem, no espaço, nas vivências humanas significativas, ao passo que a História ao direcionar-se para o abstrato, assume uma função universalizante do conhecimento. Enfim, a memória é um ‘fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente’. História e memória se complementam na reconstrução do passado. E nesse sentido, não se faz literatura fora desse

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

contexto histórico e mnemônico. Fazer literatura é de certa forma, fazer história, produzir memórias. É o que bem souberam fazer os dois romancistas afro-lusófonos ao escreverem romances que resgatam a memória e a própria história do povo angolano e a desconstrução do pensamento cartesiano que fazia parte do seu discurso. Desta forma, a guerra entre angolanos e portugueses funciona como um “desconstrutor” desse antigo paradigma na qual os angolanos, através da imposição do poder hegemônico português, estavam à mercê.

O historiador estadunidense Hayden White (1994) mostra a dificuldade em distinguir história de literatura, uma vez que a história trabalha com as mesmas estruturas ficcionais utilizados pela literatura. Distinguir o romance histórico da própria história é uma atividade estressante por envolver em seu tecido textual literário personagem pretensamente autobiográfico. E nesse sentido, compreendemos que as fronteiras entre os textos literários e históricos se dissolvem diante de um mesmo sistema linguístico que os orientam: a narratividade. Não mais está em jogo a verdade ou a mentira, mas sim o elemento primordial desse tecido construtivo: o discurso. E como tal, ele se cimenta numa fusão entre a verdade e a mentira. Puras verdades ou mentiras não existem mais. Estamos vivendo dos rastros deixados pela memória e pela história. O "outro mundo" produzido na ficção não se opõe à "realidade". “Ficção”, segundo Costa Lima, não é como se costuma definir - simplesmente o “avesso” da realidade, não é “mentira”, ao contrário: “o plano da realidade penetra no jogo ficcional (...), porquanto o que nele está se mescla com o que poderia ter havido; o que nele há se combina com o desejo do que estivesse” (LIMA, p. 1995). E a literatura, nesse sentido, consegue “digerir” e representar este novo lugar do texto: um lugar de memória, multidisciplinar e híbrido por excelência, onde todos os discursos são possíveis, todas as vozes, construções e desconstruções.

O discurso literário torna-se uma representação dotada de credibilidade por narrar a realidade de um jeito extraordinário de ser, ou seja, pela sombra de uma escritura tecida pela magia que se esconde nas esteiras das “entrelinhas” da linguagem. Cria a metáfora representativa de um mundo que dá uma “rasteira” no próprio real. A memória que produz o discurso literário é uma memória imaginária ideologicamente historicizada por um dado contexto. Ela é a âncora do texto literário, o *rastro-resíduo*¹ de um passado que volta a se presentificar, tornando-se “alimento

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

precioso” para a construção literária do texto.

¹ Segundo Édouard Glissant (2005), o pensamento do rastro/resíduo é aquele que se aplica, em nossos dias, de forma mais válida, à falsa universalização dos pensamentos de sistema. O autor que os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo para além da Imensidão das águas, o rastro/resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens. Assim, o pensamento de rastro/resíduo promete a aliança longe dos sistemas, refuta a possessão, desemboca nestes tempos difratados que as humanidades de hoje multiplicam-se entre si, em choques e maravilhas.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

A *Literatura Comparada* assume um importante papel nesta pesquisa porque é através dela que descobrimos como as memórias são representadas por ambos os romances, as generalizações em que estão submetidos e as especificidades que os agregam. Ela “compara não pelo procedimento em si, mas, porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe” (CARVALHAL, 1986, p. 7). Comparar é um procedimento que faz parte da lógica do pensamento humano e da organização da cultura de um povo. E nesse sentido, “a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação” (CARVALHAL, 1986, p. 6). O discurso comparativista contribui para formarmos uma linha de pensamento interdisciplinar, mesclado por dois nucleares conceitos: a representação e a memória.

É pela ação comparativista que percebemos que no romance *VP* o autor se utiliza da *memória onírica* com a intenção de levar o leitor a adentrar no mundo subjetivo dos acontecimentos. Esta memória é representada pelos sonhos. O mais interessante no romance é que os sonhos são compartilhados por dois personagens: o próprio narrador Eulálio e o vendedor de passados, Félix Ventura. Nesse sentido, podemos perceber a força da memória coletiva em que ambos os personagens encontram-se envolvidos na narrativa ficcional. A ruptura e a fragmentação dos acontecimentos apresentam-se no texto de forma descontínua, marcada pelo momento em que José Buchmann rompe com o seu passado, com a sua representação, “apostando” numa outra *identidade*, construída através do fictício imaginário, um “sonho” que se funde com o real. Neste mesmo sentido também se encontra a filha de Pedro Gouveia (ficticiamente José Buchmann), Ângela Lúcia, personagem que quase perde sua vida ao nascer. Sua mãe morre por não suportar a violência, e seu pai consegue escapar vivo da tragédia. É criada por sua tia Marina e o seu esposo, e é tratada como filha deste casal, sem conhecer a tragédia em que o seu passado estava envolvido. Esta personagem, após saber de seu passado, contado tardiamente por esses adotivos pais, resolve viajar mundo a fora, fotografando nuvens. Até que ela se depara com o seu pai, em Angola, numa ocasional situação. Ambos são reconhecidos, não pela aparência física, mas pela identificação com a fotografia e o deslocamento constante de suas vidas. “Ângela reagiu muito mal. Zangou-se com

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Marina e com o marido dela, os seus pais, afinal. [...] Zangou-se com eles e saiu de Angola. Foi para Londres. Foi para Nova Iorque. Soube que eu era fotógrafo e isso levou-a a interessar-se pela fotografia. Tornou-se fotógrafa, como eu, e, como eu, tornou-se nômada” (AGUALUSA, 2004, p. 194). Podemos perceber que a fotografia funciona como um importante instrumento identitário e mnemônico, pois contribuiu para que pai e filha resolvessem seus conflitos, alimentados há anos por suas memórias traumáticas.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Outro personagem do romance que também faz parte desta descontinuidade é o Mascarado, que tem a sua vida totalmente transformada a partir de uma cirurgia no seu rosto. Ele, ao acordar, percebe que foi-lhe dado um novo rosto, obtendo a partir daí, uma nova história, tecida sob a presença de uma ruptura com a sua identidade. Ele recorre a Félix Ventura desejando um novo passado para amparar a sua nova representação. “Quero que me dê um passado humilde. Um nome sem brilho. Uma genealogia obscura e irrefutável. Deve haver tipos ricos, sem família e sem glória, não? Gostaria de ser um deles...” (AGUALUSA, 2004, p. 186). Portanto, a memória apresentada por Agualusa é uma memória “mercadológica” e reinventada com o objetivo de atender às necessidades da existência de uma sociedade cimentada por um imaginário alicerçado pela relação de forças de poder que se emerge em Angola, com o fim da guerra. Também a memória é estruturada “voluntariamente” (memória voluntária), construída sob a presença de traumas vivenciados por seus personagens (memória traumática). Nesse sentido, o autor utiliza-se, numa concepção *foucaultiana*, da reconstrução da memória atrelada às formações discursivas e ideológicas de uma sociedade em construção. Na esteira do pensamento *halbwachsiano*, ele cria identidades para seus clientes baseando-se no contexto sócio-histórico e cultural em que estão inseridos, apropriando-se da representação de memórias flexíveis e em processo de construção.

Voltando-nos ao segundo Romance em análise *CJ*, podemos também constatar a presença da descontinuidade do personagem-narrador, pois a partir da experiência com a guerra em Angola ele tem a sua vida totalmente modificada, *desconstruída*, ou seja, sua velha representação acerca da vida humana não sustenta mais o seu discurso, visto que sua formação ideológica foi afetada pela experiência adquirida com a guerra. Nesse sentido, podemos encontrar um ponto de semelhança nos romances: a memória traumática. Esta é a maior característica que os aproximam, pois todos os personagens de ambos os romances passam por crise em suas identidades a partir do *choque* em que eles foram submetidos em seus passados. O que difere realmente os romances entre si é a presença da *memória onírica* no primeiro romance *VP*, memória que sustenta o desenrolar da narrativa, complementando as lacunas deixadas pela história, justificada pela necessidade de subjetividade humana, pois o discurso tecido pela narrativa é mesclado dessa fusão entre o real e o imaginário, produzindo um efeito representativo de uma realidade intercalada por um mundo de sonhos que

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

“credibiliza” o real. Percebemos com isso que a memória onírica exerce o papel de ajustar e dar sentido ao mundo “acordado” ou de “vigília” dos personagens.

Lobo Antunes faz uso de outra modalidade de exposição do fato histórico, expondo-o através de uma memória involuntária. Em outras palavras, ele se utiliza de uma linguagem mais concreta, condizente com a representação do “eu interior” humano. Seu romance apresenta uma

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

memória traumática reconstruída através das sensações individuais, num processo de “minhadade”, termo utilizado por Paul Ricoeur (2007), marcado pelo individualismo exacerbado do narrador, que, como sobrevivente de uma catástrofe, tem sua vida reconstruída no rastro de um *trauma*, imagem viva em seu íntimo pensamento. E a escrita literária provavelmente funciona como “escape” para que esse trauma seja compartilhado com o leitor, no intuito de, ao confessar sua memória subterrânea, possa, desta forma, “suavizar” seu traumático passado. Em outras palavras, “descarregar” sua memória, evitando, assim, que ela se sobrecarregue.

3 Representação e memória: guerra, experiência, poder e linguagem

Conceituar as categorias teóricas *representação* e *memória* é entrar numa dimensão intertextual e dialógica, em que temos que recorrer a outras áreas do conhecimento para tentarmos encontrar uma sólida definição que, certamente só será possível através da interação entre essas vozes discursivas. Em seu artigo “*Representações individuais e representações coletivas*”, Durkheim (1970) expõe objetivas diferenças entre esses dois tipos de fenômenos. Segundo ele uma representação individual é produzida pelas ações e reações entre os elementos nervosos do indivíduo, ou seja, ela tem origem nas sensações. As representações individuais têm uma gênese baseada na relação fisiológica do corpo humano com o meio no qual este corpo entra em contato. Já as representações coletivas são produzidas pelas ações e reações permutadas entre as consciências elementares que compõem a sociedade. Para o autor, as representações são a trama da vida social. É a sociedade que pensa, ou seja, as ideias que são aparentemente de propriedade individual, só tem significado e são conscientes a partir do ponto de vista coletivo. Os indivíduos e suas ideias, ou representações, sempre carregam a marca da realidade social de onde nascem e estabelecem os vínculos sociais com seus conviventes.

Ainda Durkheim (1989) alerta que a ideia de consenso nas representações implica relações de poder. Um sistema de poder cria para homens e mulheres representações a serem seguidas, condicionadas à força da coesão social, alimentadas por um discurso ideológico. O interesse do autor pelas categorias de pensamento se articula de modo exemplar com a problemática do poder e produção de um sistema de classificação pela sociedade, um sistema de dominação ideológica,

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

assentadas em forma de um aceitável discurso, constituindo, desta forma, as devidas representações sociais. Nesse sentido, suas ideias se aproximam das de Foucault (1979) que centrou suas análises nas estreitas conexões entre discurso e poder. É talvez aqui que sua noção de discurso adquira a

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

máxima relevância para a utilização da noção de representação apresentada pela análise cultural, e que, certamente, nos interessa, pois não se discute acerca de representação e memória sem a sua relação com o discurso de poder que intermedeia sua materialização. Os discursos estão localizados de um lado, entre relações de *poder*² que definem o que eles dizem e como dizem e, de outro, efeitos de poder que eles põem em movimento: “o discurso é o conjunto das significações constrangidas e constrangedoras que passam por meio das relações sociais” (FOUCAULT, 1994, p. 123). Nesse sentido, a guerra que contextualiza os romances *VP* e *CJ* representa a luta dos angolanos na resistência contra o poder centralizador dos portugueses. Podemos constatar que os personagens, principalmente os apresentados pelo narrador de *VP* são sujeitos que, ao procurarem um lugar ao sol em Angola, frequentemente se submetem à “guerra do cotidiano” (guerra presente em qualquer sociedade do mundo, desde os nossos tempos primórdios), resultado das relações entre os indivíduos que vivem em sociedade. Percebe-se, então, que em ambos os romances, a guerra faz parte no sentido amplo e restrito da vida dos personagens, sendo o ponto de partida para a reconstrução de suas representações.

A representação é construída nesse contexto de relações de poder, mas não podemos nos esquecer de que ela está diretamente ligada à linguagem. A capacidade da linguagem em produzir significados reside no fato de ela operar tanto em sistemas de representação como funcionar a partir deles. As pessoas são identificadas pelo uso que faz da linguagem em seu grupo social, diferenciando-se de outros grupos que congregam de suas formações discursivas. Pondera Stuart Hall:

Dizer que duas pessoas pertencem a uma mesma cultura é dizer que essas pessoas interpretam o mundo aproximadamente da mesma maneira e que essas pessoas podem expressar a si mesmas seus sentimentos e pensamentos sobre o mundo de forma que esses pensamentos possam ser entendidos. [...] (HALL, 1997, p. 2).

A concepção de cultura como um aglomerado de significados partilhados é a origem do pensamento de Hall (1997) sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação. Se a linguagem produz sentido, consoante lembra o autor, os significados apenas podem ser partilhados pelo contato ou acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

² Para Foucault (1979) não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente. O caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ela sempre está presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças.

IV **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

representação. Então, dessa forma, a representação através da linguagem corresponde ao ponto central para os processos pelos quais o significado é produzido. Pela linguagem as pessoas se identificam, se aproximam ou se distanciam, interagem ou não de acordo com os seus interesses e graus de afinidade, conduzindo-os ao processo de pertencimento social, tendo em comum uma relação íntima com a constituição de uma memória compartilhada por todos os integrantes do grupo.

Produto do resultado de pesquisas de diversas áreas do conhecimento, a memória coletiva não constitui um território unívoco, mas um território polissêmico. A memória comporta diversos sentidos, conforme a disciplina ou o pensador que dela se ocupe. Essa polissemia aparece também em noções correlatas, fazendo com que as concepções de memória individual e memória coletiva apresentem variações em diferentes saberes. A memória liga o presente ao passado, mostra ao ser que existe como se constituiu e no que se fundamenta para vir a ser, faz-nos lembrar de quem somos e o que nos faz querer ir a algum lugar. Sobre a memória individual e coletiva, Maurice Halbwachs faz o seguinte comentário:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, e que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar a nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembrança reapareça (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Percebemos então que, segundo o autor, a memória se integra a um espaço e nossa imaginação ou nosso pensamento o reconstrói a cada instante. O autor do romance *VP* conduz e centraliza a narrativa num espaço angolano, sinalizando no romance a partir do mapa de Angola presente na primeira página do livro. Dessa forma, uma memória coletiva anuncia-se, uma memória moldada em discursos imaginários, reinventados à luz de alguém que viveu o “antes” e o “depois” da guerra angolana, Félix Ventura, “o vendedor de passados” que como bom “inventor” consegue criar passados fabulosos para pessoas que ansiavam por um novo passado capaz de legitimar seu futuro. Na realidade os seus clientes eram pessoas que faziam parte da sociedade e desejavam

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

substituir o seu trágico passado colonial por um que servisse de âncora para se sentirem mais seguros nas novas relações de poder que estavam se emergindo em Angola. Entretanto, o autor do romance *CJ* se aproxima mais de uma memória reconstruída nos pilares da subjetividade individualista, ou seja, da memória individual, descrevendo a estada do narrador do romance em Angola no período de sua guerra colonial, apresentando uma linguagem capaz de representar os sentimentos do médico durante seus três anos que conviveu naquele lugar. O autor se serve de um discurso memorialístico, repleto de *imagens/lembranças*³ da sangrenta guerra que seus olhos presenciaram, “confessando” sua experiência nessa terra desconhecida, onde a morte prevalecia diante da vida. Tornando-se um sobrevivente, ele não consegue esquecer os horrores pelo qual seu corpo presenciou. Segundo o filósofo Bergson, a memória é “uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida” (BERGSON, 2010, p.69). E foi exatamente isso que aconteceu com o personagem médico em contato com a experiência com a guerra.

A história se centra no espaço angolano, porém a voz que conduz essa narrativa “pertence” ao espaço português. Nesse sentido, a partir da experiência do personagem-narrador com a guerrilha angolana (1971-1973), o discurso acerca de si, de seu país e da própria Angola se modifica. Ele é “desconstruído”, perdendo o vínculo de equilíbrio de pertencimento e de identidade que fazia parte de seu discurso antes da “passagem” pela guerra. Nesse momento ressaltamos o pensamento que suas tias tinham e que no romance podemos compartilhar, ou seja, elas acreditavam que com a guerra seu sobrinho fosse se transformar em “homem”, dando continuidade aos fatos heroicos dos antepassados da família:

– Felizmente que a tropa há-de torná-lo um homem. [...] A Pide (A *Polícia Internacional e de Defesa do Estado foi uma polícia existente em Portugal entre 1945 e 1969*) prosseguia corajosamente a sua valorosa cruzada contra a noção sinistra de democracia [...] De modo que quando embarquei para Angola, a bordo de um navio cheio de tropas para me tornar finalmente homem, a tribo, agradecida ao Governo que me possibilitava, grátis, uma tal metamorfose, compareceu em peso no cais, consentindo, num arroubo de fervor patriótico, ser acotovelada por

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

uma multidão agitada e anônima semelhante à do quadro da guilhotina, que ali vinha assistir, impotente, à sua própria morte (ANTUNES, 2007, p. 13-14, grifo nosso).

O autor criticamente descreve nessa citação o contexto em que a memória do narrador se ancora, ou seja, o contexto histórico e ideológico de um governo ditatorial e de uma sociedade subserviente que o manda gratuitamente morrer na guerra com outros desconhecidos companheiros.

³ Termo utilizado por Bergson (2010) acreditando que o corpo segrega as lembranças. Segundo o filósofo para evocar o passado em forma de imagem, é preciso abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar.

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Mas a “metamorfose” esperada por suas tias não acontece. De humano, ele se transforma em um sujeito desumano e inseguro, silencioso e repleto de imagens fragmentadas que se formam em sua mente.

Apesar da intensa presença de individualidade conduzida pela memória pessoal, o médico do romance *CJ* reconstrói sua memória através daquele fragmentado e esfacelado grupo de guerrilha do qual ele fez parte. Isto quer dizer que toda memória individual circunscreve-se numa memória mais abrangente e global, a *memória coletiva*, da qual se “extrai” várias outras memórias individuais. E nesse sentido, levando em consideração que o texto ou o discurso dialoga com outros textos (ou outros discursos), assim também a memória dialoga com outras memórias. Não existem memórias nascidas no convívio unicamente individual. A memória se ancora no coletivo-social, lugar produtor das memórias individuais. Assim dito, nossas memórias é o resultado do cruzamento de várias vozes mnemônicas que cimentam nossas representações.

Nesse sentido, o narrador/personagem protagonista do romance *CJ* é conduzido por uma memória que se relaciona com outras memórias, pois outras pessoas que participaram da guerra se familiarizam e se integram com ela a partir de um processo de afinidade intersubjetiva que se constrói em torno dela. Somos capazes de recorrer a outras pessoas que também, de forma direta ou indireta, fizeram parte de nossa memória. “[...] Essas lembranças existem para ‘todo o mundo’ nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando o desejarmos” (HALBWACHS, 2006, p. 66-67).

No romance *CJ*, o narrador apresentado na figura de um médico narra toda a história a uma mulher que o ouve atenta e passivamente. Este narrador é conceituado por Walter Benjamin como clássico, aquele que tem como função a de dar ao seu ouvinte a oportunidade de um intercâmbio de experiência, baseado em sua própria história de vida. Conforme Walter Benjamin “o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p.200). A representação da memória está atrelada à experiência vivenciada pelos autores/narradores. Nesse sentido, o romance *CJ* representa esse narrador “conselheiro”, sobrevivente de um passado traumático e conflituoso, que exerce o papel de testemunho da *catástrofe* ocorrida com o povo angolano.

4 Considerações finais

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Com a comparação entre ambos os romances, percebemos que os narradores tiveram uma preocupação com a posição dos personagens por eles apresentados, descrevendo o contexto em que

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

eles se encontravam. O tempo e o espaço se fundem de forma conflituosa à memória, num angustioso sentimento de “(des)pertencimento”, causado pela experiência traumática da guerra colonial. Citando o romance *VP*, constatamos que o narrador descreveu a desconstrução cultural de personagens como José Buchmann, que teve sua vida transformada através do discurso ideológico predominante em Angola. Também no romance *CJ* observamos que o narrador-personagem passou por um processo de desconstrução em sua representação individual, após a experiência com a guerra. O espaço geográfico angolano de guerra e a presença de um tempo atemporal (tempo que parecia não passar, subjetivo) construíam no personagem uma memória individual e traumática. Essa experiência torna-lhe um “homem de choque”, “desconstruído” e “desumano”. O romance *VP* cedeu lugar a uma memória coletiva, confirmando o pensamento de Halbwachs (2006) que declarou ser toda memória individual continuidade da memória coletiva, ou seja, toda memória só nasce em convívio social, em contato com o mundo exterior, a partir da existência de um grupo, reconhecendo que não há indivíduos sem memórias, como não há memórias sem sujeitos nas relações de poder que elas produzem. E, neste sentido, Félix Ventura, ao criar um passado para os seus clientes, leva em consideração o imaginário cultural que predomina no cenário político-social angolano. Já o romance *CJ* cede lugar a uma memória individual, encontrando respaldo e justificativa na teoria *bergsoniana* que afirma ser o indivíduo reflexo de uma construção oriunda de vivências com o seu mundo interior.

Toda a literatura *antuniana* é movida pelo desejo de confissão. O narrador tem o desejo de fazer com que aquele que escuta sua voz possa tomar parte de determinada experiência singular. António L. Antunes produziu um olhar contundente sobre os conflitos coloniais de Portugal em Angola, e, por entre seus relatos, direcionamos pelos tortuosos, chocantes e complexos caminhos da memória e, exatamente com seu narrador, compartilhamos uma “dolorosa aprendizagem da agonia” (ANTUNES, 2003, p. 43). Através do testemunho, o narrador se lembra de suas experiências em Angola, e, ao mesmo tempo, indaga sobre as consequências desse vivido, trazendo na escrita de seu romance um particular olhar sobre as contradições produzidas pela guerra e, através de seus personagens, configura e descreve toda a debilidade do ser humano, diante de situações extremas como as vividas no retorno a Portugal. Vemos, nesse contexto, que o testemunho, quando sendo

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

representante de situações limites, em que o relato pretende dizer o indizível da experiência, tem a função crucial de preservar a lembrança do acontecido ou recuperar uma identidade “machucada”. Uma difícil tarefa de representar o irrepresentável, árdua missão da literatura memorialista.

Descobrimos, na esteira da comparação, que ambas narrativas representam duas vozes que se intercalam por um único objetivo em comum: usar a literatura como guardião da representação da

IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

memória de uma catástrofe que, historicamente, não deve ser esquecida. A diferença entre os romances é demarcada a partir das ideias de dois teóricos: Henri Bergson que sustenta a concepção de memória individual, e Maurice Halbwachs que sustenta a ideia de memória coletiva. O romance *VP* se apropria de uma memória coletiva, subterrânea, voluntária, onírica e “mercadológica”, construída nos trâmites do social e do histórico. O romance *CJ* apropria-se de uma memória individual, conflituosa, involuntária e, acima de tudo, traumática e “catastrófica”. Em ambos os romances, todos os personagens passam por um processo de deslocamento, descentramento e desconstrução, tendo as suas vidas modificadas a partir da experiência, adquiridas no passado com a guerra, intercalada pelo imaginário social, imposto pela sociedade angolana em formação.

Vale ressaltar a diferença na escolha de seus narradores. José Eduardo Agualusa escolhe para narrar a história uma osga, lagartixa que de posse de uma posição privilegiada, consegue narrar tudo do alto, sem perder sua característica animalesca (o narrador Eulálio pode ser comparado com o personagem Gregório Samsa do romance *Metamorfose*, de Franz Kafka (2001), personagem que, numa certa manhã, ao acordar, percebe que foi transformado em inseto, uma grande barata). O narrador atribui relevante importância aos nomes. O nome da pessoa marca a sua representação. No entanto, no romance *CJ*, António Lobo Antunes escolhe como narrador o médico, sem se preocupar com a descrição nominal de seus personagens, a começar pelo próprio narrador/personagem. A escolha de um médico como narrador revela uma escolha certa, pois um médico, com o seu conhecimento em relação ao corpo, teria melhores condições de ser um sobrevivente da guerra e expor com objetividade e historicidade os horrores de sua experiência.

Enfim, a memória foi construída tão somente para dar sustento às representações. E foi por ela que o passado veio à tona para ser ressignificado pelo tempo presente. Acabamos, na apresentação desta pesquisa, fazendo parte da reconstrução desta memória. Pela leitura e análise desses dois romances sentimo-nos também como testemunhas, graças à relação do texto com o leitor, pois o leitor acaba sendo conduzido pelo fenômeno dialógico, tornando-se um coautor do próprio texto. E nesse sentido, ficamos com as palavras de Gagnebin, referindo-se ao sujeito que interage com o texto e que resiste à memória da tragédia histórica ocorrida, refletindo sobre o fato passado na esperança de que ele não venha mais se repetir, permanecendo fiel à leitura, sem desistir

IV **S E P E X L E**

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

de sua dura escrita traumática, tornando-se um leitor persistente, que “consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Referências bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- ANTUNES, António Lobo. **Os Cus de Judas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Obras escolhidas, v.1, 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**; trad. Paulo Neves – 4. ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. Tradução de J. M. de Toledo Camargo. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.
- _____. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulina, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 11. ed. – Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocga. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

KAFKA, Franz. **A metamorfose e O veredicto**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001, p.5-110.

LIMA, Luiz Costa. **Vida e Mímesis**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. in: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, PP. 07-28, dezembro de 1993.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras: Belo Horizonte: UFMG, 2007.

IV **S E P E X L E**
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: **Estudos históricos**. Tradução de Dora Rocha, v. 07, nº 13. Rio de Janeiro, 1991, p. 21-48.

***Abstract:** This paper analyse the novels *O Vendedor de Passados*, by Angolan José E. Agualusa, and *Os Cus de Judas*, by Portuguese António L. Antunes, according to the memory theory, following the methodical foundation of comparative literature and theoretical support in some concepts by Durkheim, Pollak, Bergson, Halbwachs, Benjamin, Carvalhal, and others. We investigate the memory construction process and identitary representations in literary space, through these two problematic texts in relation between the literature and the historic social contexts where they are inserted. The novels treat of moments and situation of the recent Angolan history, involving colonizers and colonist in your dramas referring to independency of the young African country. In this sense, the memoir literature ransom the history and the memory of Angolan war through of these two viewpoints, transforming in two memorial voices that represent a colonizer traumatic past.*

***Keywords:** Memorialistic literature; Representation; History; Afro-lusofonian.*